



VILLA ROMANA DE FREIRIA

ESTUDO ARQUEOLÓGICO

GUILHERME CARDOSO

Ficha Técnica

Edição

Câmara Municipal de Cascais - Departamento de Inovação e Comunicação
Divisão de Arquivos, Bibliotecas e Património Histórico

Autor

Guilherme Cardoso

Fotografia

Guilherme Cardoso

Design gráfico

Marco Neves Ferreira

Agradecimentos

A José d'Encarnação, Eurico Sepúlveda, Jorge Miranda e Isabel Luna por toda a ajuda prestada na revisão final

Impressão

Carlos Peres Costa

Tiragem

500 exemplares

ISBN

978-972-637-291-2

Depósito legal

449346/18

COFINANCIADO POR



Prefácio

«Desde pequenino...»

N

o programa do Concerto de Verão deste ano de 2018 da Orquestra Sinfónica de Cascais, escreve-se que o maestro Nikolay Lalov «iniciou os seus estudos de violino com seis anos de idade». Não é raro, em programas de concertos, dar-se conta de um violoncelista, um pianista, um músico ter começado muito cedo a interessar-se por determinado instrumento em que viria a ser exímio profissional. Chama-se a isso «seguir a sua vocação» e está cientificamente provado ser esse o melhor caminho para eficaz realização pessoal.

Num programa sobre a *villa* romana de Freiria, que gravámos, se não erro, em 1988, para a série «Vamos jogar no to-tobola», recordo a frase com que Rosa do Canto apresentou Guilherme Cardoso: «...que é arqueólogo desde pequenino»!

Ao reflectir sobre o que deveria escrever no prefácio desta obra, achei, por conseguinte, que o deveria dividir em duas partes: o autor e a sua obra.

O autor

Nasceu Guilherme de Jesus Pereira Cardoso na Amoreira (freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais), a 3 de Janeiro de 1952.

Logo desde os primeiros estudos se revelou o seu interesse pelos vestígios históricos. Adolescente, continuou a desenvolver-se nele a curiosidade pelas «pedras», de modo que, aos 17 anos, passou a dedicar-se, como amador, à Espeleologia, tendo criado, no ano seguinte, o Grupo de Espeleologia da Costa do Sol, enquadrado no Agrupamento de Escuteiros de Cascais e no Clube Juvenil “Philos” (Madorna).

Embora se tivesse profissionalmente encaminhado para a Fotografia, por natural influência do pai, profissão que abraçou até meados de 1986, o certo é que sempre logrou dedicar-se a outras actividades ligadas ao património. Aliás, a fotografia tornou-se de imediato o seu instrumento preferido para registar o que ia descobrindo e lhe causava admiração.

Assim, nem precisou que muito o aliciassem para se inscrever, em 1972, no V Curso de Iniciação à Espeleologia, então ministrado no âmbito do Secretariado para a Juventude; e vemo-lo a frequentar, no ano lectivo de 1973/74, os cursos livres de Arqueologia Pré-Histórica e Romana, que, na altura, se ministravam em Lisboa, no Palácio da Rosa, no Centro Piloto de Arqueologia, entidade criada com a finalidade de fomentar o interesse dos jovens pelo património arqueológico e onde

leccionaram Octávio da Veiga Ferreira e Georges Zbyszewski (Pré-História), Seomara da Veiga Ferreira e Salete Salvado (Época Romana).

Daí a dedicar-se à prática foi um passo curto, tanto mais que o ambiente propiciava essas actividades, inclusive a nível escolar, pois se iniciara a disciplina de História e Geografia de Portugal, precisamente com a finalidade de levar as comunidades educativas a darem maior atenção à história e à geografia locais. Publicou-se em 1968, sob os auspícios da Junta de Turismo da Costa do Sol, o livrinho *Notas sobre Alguns Vestígios Romanos no Concelho de Cascais* e, para apoio ao ensino, a *História e Geografia de Cascais*, com primeira edição em 1972, ano em que – também pelo facto de ambos colaborarmos para o *Jornal da Costa do Sol* – Guilherme Cardoso começou a procurar identificar novas jazidas arqueológicas e a redescobrir algumas de que se tinha perdido a localização, nos concelhos de Cascais, Sintra e Oeiras.

Na verdade, o primeiro grande levantamento arqueológico do concelho – hoje chamar-lhe-íamos assim – fora levado a efeito por Francisco Paula e Oliveira já nos finais do século XIX. Paula e Oliveira percorreu o concelho e, inclusive, fez

sondagens arqueológicas, numa altura em que quem se dedicava a preparar a Carta Geológica de Portugal, no quadro da normal actividade dos Serviços Geológicos, também não descurava a menção aos vestígios arqueológicos que encontrava. Não é, pois, de admirar que tenham sido dois dos mais dinâmicos membros daqueles Serviços, Octávio da Veiga Ferreira e Georges Zbyszewski, que se aventuraram a apoiar o atrás referido Centro Piloto de Arqueologia. Urgia identificar os sítios que Paula e Oliveira mencionara¹ mediante os topónimos de então e que, quase um século passado, haviam caído em desuso, por serem, em boa parte, microtopónimos; e, por outro lado, o crescente avanço da urbanização, nomeadamente a desregrada do interior do concelho, exigia que se acautelassem vestígios em perigo.

A curiosidade de Guilherme Cardoso não tinha limites. Não o satisfazia a mera prospecção terrestre; ao interior das grutas, como espeleólogo, amiúde também se abalançou,

¹ O seu relatório virá a ser publicado postumamente: «Antiquités Préhistoriques et Romaines des Environs de Cascaes», *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos*, tomo II, fascículo I, Lisboa, 1888/92, p. 85-92).

sendo disso sintomático o facto de, no I Encontro Nacional de Espeleologia (Sintra, 14 a 22 de Fevereiro de 1981), ter apresentado a comunicação «Inventário das grutas naturais do concelho de Cascais»² encontro onde foi galardoado com o 2º e 3º prémios do concurso de fotografia espeleológica, na classe de preto e branco. E já perspectivava também a importância dos achados arqueológicos subaquáticos, quando ainda pouco se pensava nisso. Com esse objectivo, após ter frequentado um curso de mergulho, promovido pelos Bandeirantes do Mar, em Lisboa, obteve, a 27 de Junho de 1982, o Certificado de Mergulhador Amador.

Integra, em 1983, a equipa criada pelo Instituto Português de Património Cultural, a fim de proceder ao levantamento do património do concelho de Cascais, experiência que se desejava «piloto», com o fim de delinear os métodos a seguir para o levantamento nacional a incrementar de seguida. Uma iniciativa que viria, contudo, a ficar abortada pelas trágicas cheias de Novembro desse ano, que espalharam a destruição e obrigaram a encaminhar todas as verbas para a necessária reconstrução.

Será, por conseguinte, no quadro da sua intenção de bem

localizar todos os indícios de que se ia tendo conhecimento³, que chegará à descoberta da *villa* de Freiria. Também aqui foi por ter seguido um ‘rasto’, o que Vergílio Correia deixara por ter descrito⁴ uma sepultura achada no Casal da Freiria, «entre Polima e o Casal do Mato», perto de um «minúsculo afluente da margem direita» da Ribeira da Laje, o ribeiro de Freiria. «Curiosa sepultura», lhe chamou o arqueólogo, por ser «formada por grandes telhões, *imbrices* semiesféricos», numas pedreiras. Da sepultura pouco restava já, ainda que Vergílio Correia houvesse logrado «arranjar para o Museu Etnológico três desses telhões, intactos» (p. 94).

Doutras sepulturas não achou Guilherme Cardoso vestígio algum, em 1980, mas, a norte do ribeiro, que era, na altura como hoje, de águas abundantes mesmo em tempo de seca, o terreno ostentava à superfície muros alinhados, havia pelo chão pedaços de *opus signinum* e fragmentos de telhas e tijolos romanos... Atendendo à *sugestiva* vizinhança de ‘marcos’, a indicarem próximo loteamento clandestino, importava proceder a sondagens e, se necessário, a uma escavação sistemática e global. Assim se fez, a partir de 1985, e dos resultados obtidos

² Publicada no *Arquivo de Cascais*, 4, 1982, p. 37-44.

³ Intenção que virá a concretizar mais tarde, em 1991, com a publicação, pela Câmara Municipal, da *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*,

⁴ Em nota incluída n’*O Archeologo Português*, 18, 1913, p. 93-95.

com as sucessivas campanhas dá conta esta monografia.

Para mais eficazmente e com maior saber se dedicar à investigação que o apaixonava, Guilherme Cardoso fez, no ano de 1991, exame “ad hoc”, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo sido admitido à licenciatura em História – Variante de Arqueologia, curso que frequentou como trabalhador-estudante e que concluiu em 1996. A experiência de campo já adquirida aliada à licenciatura alcançada granjearam-lhe a possibilidade de vir a ser convidado, em 1997 e até 2004, como assistente, para leccionar as cadeiras de *Arqueologia I* e de *Técnicas de Prospecção e Datação*, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, uma experiência ímpar, até porque pôde aliar, para os estudantes, a teoria à prática, levando-os a participar activamente nas escavações de Freiria.

Cioso de mais saber, frequentou, em 2000-2001, na Universidad de Extremadura (Cáceres), o curso de doutoramento em Arqueologia. No relatório final então apresentado gizou uma panorâmica dos vestígios arqueológicos identificados na zona ocidental do *ager Olisiponensis*, a qual, tendo sido apreciada por um júri na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, lhe valeu a equivalência ao grau de Mestre em Arqueologia, reconhecido em 2004.

Na sua essência, esta obra constitui, por conseguinte, a tese de doutoramento que, tendo sido orientada pelo

Doutor Enrique Cerrillo Martín de Cáceres, Professor daquela Universidade, e por mim, defendeu com êxito, em Cáceres, no dia 26 de Janeiro de 2016.

A obra

A história das escavações em Freiria está miudamente disponível nas inúmeras informações que não se regatearam à Comunicação Social (escrita, falada e televisiva), ao longo de todos estes anos, e de que Guilherme Cardoso se faz eco na bibliografia. E basta folhear as duas revistas primordialmente destinadas a esse fim, a *Al-madan* (ainda hoje, felizmente, bem activa) e a *Informação Arqueológica* (que a visão acanhada das estruturas oficiais bem depressa logrou amortilhar) para disso haver uma noção clara.

Houve, de resto, sempre essa preocupação, como também a de prontamente se divulgarem, inclusive através de outros investigadores, os aspectos mais significativos do que se encontrava: a ara a *Triborunnis*, o protomo, o quadrante solar, o celeiro, o lagar, os capitéis, as moedas, os objectos de adorno... E se os vestígios singulares da ocupação anterior, da Idade do Ferro, foram objecto de uma comunicação específica, outro horizonte cultural, o da chamada «cultura do vaso campaniforme», tão significativo dada a relativa proximidade das grutas de Alapraia, foi também alvo de pormenorizada publicação.

Ou seja – e este constitui um dos aspectos mais salientes da investigação levada a cabo em Freiria – é que, para além de ter sido uma escola prática de aprendizagem para estudantes, revestiu igualmente a característica de um sítio aberto aos investigadores, nacionais e estrangeiros, a quem as informações se foram facultando, à medida que elas surgiam.

Há o trabalho do arqueólogo; mas não se esquece a equipa. E, neste aspecto, nunca será de mais salientar o papel fundamental que desempenhou o saudoso arquitecto Pedro Manuel Fialho de Sousa, que, tendo trabalhado com Theodor Hauschild na *villa* de Milreu e no estudo do templo de Évora, ficou determinado a criar, na sua Faculdade de Arquitectura, uma linha de investigação expressamente dedicada à arquitectura romana. Com ele estiveram sua mulher, Helena Ramalho Rua, do Instituto Superior Técnico, também ela já falecida, e os estagiários João Hélder Leitão Afonso, Maria Custódia Loureiro Antunes e Paula Cristina Franco Camões Flores. Assim pode, hoje, apresentar-se minucioso e muito rigoroso levantamento das estruturas postas a descoberto.

O principal trabalho de Guilherme Cardoso constituiu, naturalmente, na interpretação dessas estruturas e tornar perceptível todo o seu encadeamento, de modo que, atendendo a que se logrou fazer uma escavação quase total, é possível compreender como tudo – a casa senhorial, as termas privadas, o lagar, o celeiro, as grandes termas... – harmoniosamente se

articulam, numa *pars urbana*, *pars fructuaria* e, até, na *pars rustica*, de acordo com as normas dos agrónomos latinos. E até se suspeita que, na *villa* do Outeiro, sobranceira, poderia estar a residência do *vilicus*...

Celeiro e lagar lembram-nos a economia agrária. Ambos poderão ter servido – e o autor sublinha-o por mais do que uma vez – não apenas para as necessidades do *dominus* e sua gente mas igualmente para os habitantes dos casais derredor. O celeiro, então, que a determinado momento teve mesmo de ser alargado, recolheria certamente o cereal dos vizinhos, como o lagar (ainda hoje acontece no Portugal profundo...) esmagaria a azeitona dos olivais circunvizinhos.

Freiria, *villa* agrária, não estava, porém, tão longe assim dos hábitos citadinos. Sentimo-lo na presença do quadrante solar, nos adornos das senhoras, no requinte de alguma cerâmica de ir à mesa assim como nas ânforas que trariam vinho e *garum* e outras especiarias aportadas a *Olisipo*. Daí que não nos tenha causado admiração a decisão de alargar as termas, para serem esse lugar de encontro de amigos, onde ao *otium* intrínseca e utilitariamente se uniria o *negotium*. Tal como víramos em S. Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira), a passada – verificou-se alfim... – era maior do que o alcance da perna e... a obra ficou a meio, a lembrar, no entanto, esse desejo de ser ‘urbano’ em território ‘rural’!... Reminiscência, porventura, para os descendentes do colono *Titus Curiatius Rufinus*, que em

Olisipo deixara seus familiares e optara por se instalar nos férteis campos de Freiria, não sem, antes, ter solicitado a protecção de *Triborunnis*, o génio protector do sítio e das boas e permanentes águas correntes do ribeiro...

Viera Guilherme Cardoso à procura de uma sepultura. Nesta obra se dá conta, nomeadamente, da surpresa que foi o achado de enterramentos de recém-nados na área do lagar, seguramente após a sua desactivação. A surpresa maior foi, todavia, a de não se haver pensado previamente que o ribeiro, além da sua função concreta, tivera uma evidente função espiritual: a de separar o mundo dos vivos da «cidade dos mortos»! A necrópole com o correspondente *ustrinum* acabou por ser detectada... na margem de lá! E este representa um aspecto deveras significativo e paradigmático no estudo da *villa*.

Escrevi «estudo» – e a palavra faz-me voltar ao início: estamos perante um «estudo arqueológico». Demoraram anos as campanhas. O trabalho de campo com uma grande equipa e, depois, no intervalo, o sereno trabalho de reflexão, outros anos mais. Aqui se apresenta agora, o mais completo possível, abrindo, nos mais variados campos as mais variadas pistas de investigação.

Que não é apenas, saliente-se, mera monografia. Guilherme Cardoso, por ter feito as pesquisas a que de início se aludiu, por ter sido depois arqueólogo da Assembleia Distrital de Lisboa, calcorreou a vasta área em que a *villa* de Freiria se insere. Por consequência, as constantes incursões por outras paragens do

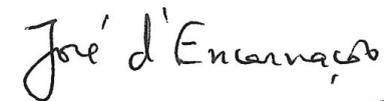
vasto *ager Olisiponensis* não são, aqui, mais do que mui oportunas comparações, a contribuir eficazmente para que melhor se conheça quem, há mais de 2000 anos, por estas paragens viveu um tranquilo dia-a-dia, sob quiçá a benéfica protecção do Sol e da Lua venerados na vizinha Serra de Sintra e mais além...

Cumpram-nos regozijar, nessa comunhão com quem nos antecedeu.

Evoca o autor, a dado passo, aquela inscrição em que Gaio Domício Primo, um romano de Óstia antiga, confessa:

«Comi ostras, amiúde bebi Falerno; banhos, vinho, amores, ano após ano, foram minha companhia até à velhice».

Também abundantemente comeram ostras os Romanos que viveram em Freiria. Falerno não temos para à sua memória brindar; brindaremos, porém, com outros néctares, à alegria de, com esta obra, mais facilmente os poderemos relembrar!



Prof. Doutor José d'Encarnação

Professor Catedrático da Universidade de Coimbra

CASCALS
Tudo começa nas pessoas

COFINANCIADO POR

Lisb@20²⁰

PORTUGAL
2020

 UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional